

Karas Kardassian, o Oficial de Elite do Império Arturiano

Uma jornada épica nas sombras de Símio

Infância na Sombra da Crise

— Karas, consegue ouvir isso? — perguntou sua mãe, enquanto o brilho das estrelas se refletia nos olhos dela. — Esse som não é só o vento, é o mundo mudando. E mudanças não esperam por ninguém.

Karas tinha apenas seis anos, mas as palavras da mãe ficariam gravadas em sua memória como um mantra. Ele cresceu na cidade de Símio, onde o verde das florestas contrastava com os cinzas da pobreza. Seu pai, um mecânico de naves espaciais com mãos calejadas e ombros cansados, e sua mãe, uma artesã de tecidos que trabalhava incansavelmente, lutavam para prover o básico para a família.

— A crise não vai durar para sempre — seu pai dizia com frequência. — Mas você precisa estar preparado para quando ela acabar.

Karas Kardassian sempre demonstrou características excepcionais desde a infância. Dotado de uma inteligência aguda e uma habilidade inata para resolver problemas de maneira rápida e eficaz, ele se destacava não apenas por seu porte físico acima da média para sua idade, mas também por sua astúcia e observação cuidadosa do mundo ao seu redor. Apesar de sua força evidente, Karas era um jovem introspectivo e reservado, preferindo evitar confrontos e observar à distância o comportamento das pessoas. Ele não intimidava os mais fracos, mesmo quando poderia; sua quietude era uma escolha, não uma fraqueza.

A vida em Símio, marcada pela dicotomia entre as exuberantes florestas verdes e os cinzentos símbolos da pobreza urbana, era desafiadora. Karas cresceu em um ambiente de limitações financeiras, com pais dedicados que faziam o possível para prover o básico. Seu pai, o mecânico de naves, e sua mãe, a artesã de tecidos, acreditavam que a educação era o único legado significativo que poderiam deixar para os filhos.

— Aprender é tudo o que podemos te dar, Karas — dizia seu pai, entregando-lhe um livro de história arturiana desgastado pelo tempo.

Karas sabia que aquelas palavras eram uma promessa e uma cobrança.

— Pai, por que eu tenho que estudar tanto, se vai continuar tudo igual? — perguntou Karas em uma noite fria, enquanto folheava o livro.

Seu pai suspirou antes de responder:

— Porque o mundo pode ser igual para os outros, mas para você, meu filho, ele pode ser diferente. Só depende de como você se prepara.

Karas não respondia, mas absorvia cada palavra como uma lição.

Encontrar uma escola para Karas foi uma tarefa árdua. As instituições públicas eram fortemente alinhadas aos processos imperiais, funcionando mais como fábricas de soldados do que de cidadãos.

— Mãe, eu realmente preciso ir àquela escola? Eles só querem ensinar a ser soldado! — dizia Karas, franzindo o cenho.

Sua mãe, enquanto bordava um tecido, respondia com serenidade:

— Você precisa, meu filho. Mas não para ser como eles. Você precisa ir para ser melhor do que eles.

Ainda assim, foi nesse ambiente hostil que ele começou a desabrochar. Seu desempenho acadêmico acima da média e sua habilidade de superar desafios com criatividade atraíram a atenção de professores e, eventualmente, de militares que enxergaram em Karas um potencial singular.

A entrada na escola militar foi um marco importante, mas não diminuiu suas dificuldades. O ambiente elitizado trouxe novos desafios: os colegas de famílias ricas rapidamente identificaram suas origens humildes e o transformaram em alvo de provocações, apelidos e trotes. Ainda assim se sobressaía principalmente nas aulas de ciências, onde certa vez criou uma pequena turbina de energia usando apenas lixo e peças de carro velhas.

— Você não passa de um pobre coitado — diziam, enquanto riam e tentavam desestabilizá-lo.

Karas, no entanto, manteve-se impassível, rígido, mas seus dedos se dobravam indo e vindo como uma máquina que ganha força para partir. Ele sabia que esses obstáculos eram passageiros e que seu propósito maior era o que realmente importava. *Essas distrações não vão me impedir, pensava*, enquanto suportava os ataques em silêncio.

A vida na escola militar, no entanto, chegou a um ponto de ruptura. Durante uma tarde, Karas testemunhou um grupo de seis cadetes espancando violentamente um jovem chamado Ison, conhecido por sua habilidade em matemática e natureza pacífica.

— Parem com isso! Que tipo de covardia é essa? — gritou Karas, avançando para defendê-lo.

Os cadetes riram, desdenhando:

— E o que você vai fazer? Acha que é melhor porque vem de Símio?

A luta foi feroz e, sob os olhares atentos do diretor da escola, Karas derrubou todos os agressores em uma demonstração de força e coragem.

— Karas, chega! — gritou o diretor, mas o jovem o ignorou enquanto lutava para salvar Ison.

Apesar de sua bravura, Karas percebeu que havia chegado tarde demais: os ferimentos em Ison eram fatais.

— O que isso te ensina? — perguntou o diretor, aproximando-se de Karas após o ocorrido.

Ainda em choque, ele respondeu com obstinação:

— Que apenas os mais fortes sobrevivem ao Império. E eu serei forte para proteger minha família.

Foi durante um debate escolar que Karas percebeu que poderia ser mais do que apenas um trabalhador esforçado. Ele argumentava com eloquência sobre a importância de equilibrar o avanço tecnológico com a preservação cultural dos arturianos. Suas palavras ecoaram pela sala de aula, impressionando não apenas seus colegas, mas também a professora, que recomendou que ele tentasse um exame de admissão para a Academia Imperial.

— Você está brincando? — perguntou Karas, incrédulo, enquanto segurava o formulário de inscrição. — Alguém como eu não entra em um lugar como aquele.

A professora sorriu.

— Você está errado, Kardassian. Alguém como você é exatamente o que o Império precisa.

Com o apoio de sua família e uma determinação forjada em anos de trabalho duro, Karas conseguiu seu lugar na Academia Imperial de Simio. Quando cruzou os portões pela primeira vez, sentiu-se pequeno diante da grandiosidade do que o cercava, mas soube que havia chegado onde deveria estar.

Eu não vou desperdiçar esta oportunidade, prometeu a si mesmo.

A formatura de Karas foi um momento ambíguo. Enquanto sua família celebrava sua conquista, ele carregava um peso emocional que ninguém podia compreender. A imagem de Ison permanecia vívida em sua mente, um lembrete doloroso de que força e sacrifício muitas vezes andam de mãos dadas. Esse evento marcaria sua trajetória de maneira indelével, moldando o oficial que ele se tornaria no vasto e implacável universo do Império Arturiano.

Contudo, nem tudo ocorreu conforme o esperado. Alguns meses após a formatura, pronto para ingressar na academia militar com uma bolsa de estudos, seu pai faleceu devido a um infarto fulminante, sem possibilidade de socorro. Sua mãe, agora sozinha com três filhos menores, não tinha condições de sustentar a família. Embora o diretor da escola, que havia conseguido a bolsa, aconselhasse Karas a seguir seu caminho, afirmando que sua mãe encontraria uma forma de se virar e que seus irmãos iriam trabalhar, Karas estava ciente das dificuldades que sua família enfrentaria na selvagem e brutal Símio.

Para ele, sua família constituía um laço inquebrável. Dessa forma, decidiu abandonar seus planos, a academia e seus sonhos, optando por permanecer ao lado de sua mãe. Ela lamentou a desistência do filho, mas compreendia que ele representava sua maior esperança. Seus irmãos, ainda incapazes de entender plenamente a situação, celebraram a permanência de Karas em casa.

Karas agora precisava encontrar um emprego para se sustentar e construir uma nova vida.

Os Primeiros Passos de um Líder

— Karas, você vai se atrasar de novo para o trabalho! — gritou sua irmã mais nova, enquanto ele ajustava a alça da mochila surrada em que carregava suas ferramentas.

Ser o filho mais velho significava carregar responsabilidades que iam além de sua idade. Quando não estava em sala de aula, estava limpando vidraças em arranha-céus, consertando pequenas naves ou entregando pacotes pelas movimentadas ruas de Símio.

Uma tarde, enquanto trabalhava na manutenção de um velho motor de nave, seu supervisor, um homem chamado Gorvas, notou sua determinação.

— Você sonha com o quê, garoto? — perguntou Gorvas, observando Karas ajustar uma peça com precisão incomum para alguém tão jovem.

— Eu sonho... com um futuro em que ninguém tenha que trabalhar assim só para sobreviver — respondeu o garoto, sem perder a concentração no que fazia.

Gorvas permaneceu quieto por um momento, antes de sorrir.

— Sonhos grandes para alguém pequeno. Mas gosto disso.

Karas não apenas trabalhava, mas absorvia tudo ao seu redor: as histórias dos clientes, os detalhes técnicos das naves e até as estruturas sociais que via enquanto limpava as imensas vidraças da capital. Ele era um observador, moldado pela dureza da realidade, mas motivado por uma visão mais ampla do que a simplicidade de sua origem poderia sugerir.

Karas dedicava-se intensamente ao trabalho, frequentemente estendendo suas jornadas até tarde da noite para garantir que houvesse dinheiro suficiente. Enquanto isso, a antiga televisão de sua casa transmitia promessas de um grande futuro pelo Império. Contudo, Karas questionava essa ideia. Desligava a televisão e ia dormir, pois precisava acordar cedo; pelo menos tinha o pão para o dia seguinte.

Não tinha tempo para amigos ou relacionamentos. Mesmo sendo jovem, uma vizinha chamada Arenda chamava sua atenção. Karas sonhava em um dia ter recursos suficientes para levá-la ao parque e lhe oferecer um sorvete. Apesar dos sonhos à noite, a realidade o despertava na madrugada seguinte para mais trabalho.

Trabalhar como limpador de janelas era perigoso, especialmente considerando a negligência com a segurança desses profissionais. Karas, sendo bastante inteligente, desenvolveu seu próprio sistema de roldanas e cordas para garantir sua proteção. No entanto, seus colegas de trabalho não possuíam a mesma precaução. Em um incidente, um deles quase teve uma queda fatal, mas foi salvo pelo braço forte de Karas. O prédio de apartamentos de alta classe era apenas mais um trabalho para eles, garantindo o sustento diário.

Do outro lado do vidro, olhos atentos observaram o jovem salvar seu companheiro.

— Impressionante — disse o Coronel Thade, aproximando-se de Karas após o resgate.

— Você tem habilidades notáveis. Qual é o seu nome?

— Karas, senhor — respondeu ele, ainda ofegante do esforço.

— Precisamos de pessoas como você no Império. Gostaria de trabalhar diretamente comigo?

Karas olhou, surpreso, mas manteve a compostura.

— Seria uma honra, senhor.

Thade pediu à inteligência que investigasse tudo sobre Karas: sua origem, atividades, nível educacional e detalhes sobre sua família. Obcecado pelo jovem, descobriu suas excelentes credenciais escolares e seu abandono dos estudos em prol dos familiares. Thade concluiu que Karas seria o mais leal de seus soldados.

Karas, inicialmente um simples limpador de janelas, emergiu como um herói. Sua fama repentina atraiu a atenção de Thade, membro do Alto Comando Militar de Símio, que viu em Karas um líder em potencial para servir ao Imperador na iminente guerra. Thade marcou uma reunião especial com Karas para discutir sua oferta.

— Karas — começou Thade, com um tom sério —, você demonstrou coragem e habilidade excepcionais. Por isso, ofereço-lhe treinamento militar completo, um salário competitivo e total suporte para sua família.

Karas ouviu atentamente, já sentindo o peso da responsabilidade.

Thade continuou:

— Você terá moradia na vila militar, sua mãe receberá um emprego digno e seus irmãos terão acesso à melhor educação possível.

Com os olhos brilhando de determinação, Karas respondeu:

— Aceito sua oferta. Estou pronto para servir e proteger nosso povo.

Assim, Karas se juntou à elite do exército arturiano, preparado para enfrentar os desafios que viriam.

Karas nunca fora um soldado comum. Disciplinado, incansável, moldado pela determinação e pelo rigor de um império em ascensão, ele enfrentou treinamentos que fariam símios caírem de joelhos. Mas nenhum deles o preparou para o que estava prestes a acontecer.

Durante meses, foi deslocado para os lugares mais inóspitos do planeta. Enfrentou as areias cortantes dos desertos de **Myros**, rastejou por selvas úmidas e letais, escalou montanhas cobertas de gelo sob temperaturas que congelavam o sangue. Lutou contra as correntezas dos rios negros de **Ergonis**, sobreviveu ao mar revoltoso de **Uxmar** e até passou semanas em órbita, em gravidade zero, treinando manobras de combate em cápsulas espaciais apertadas. A rotina era dura, constante. Mas Karas sentia que algo maior se aproximava.

Do alto dos hangares de Arturus, podia ver a movimentação intensa de naves de guerra preenchendo a órbita como uma nuvem de aço e fogo. Tropas marchavam em formação. Armas de pulso e armaduras tecnológicas reluziam sob o brilho pálido das estrelas.

— Estão se preparando pra algo grande... — murmurou, observando o céu. — Muito grande.

O discurso do Império era claro: o ostracismo terminaria, os embargos dos Antarianos chegariam ao fim. As famílias voltariam a comer. A galáxia voltaria a ser livre. Mas Karas

conhecia as entrelinhas da propaganda. Era inteligente o bastante para o brilho cínico nos olhos dos políticos e generais. *Não é pela fome, pensava. É porque já esgotaram tudo o que podiam sugar de Arturus. Precisam de novos mundos para explorar. Novos recursos. Novas guerras.*

E então, num fim de tarde aparentemente comum, tudo mudou.

Karas acabava de retornar de uma simulação de ataque orbital na Base Militar de Símio. Ainda estava com o uniforme pesado quando ouviu seu nome ecoar no intercomunicador.

— Sargento Karas, compareça imediatamente à sala de comunicação do setor três.

Ele se apressou, sem entender o motivo da convocação. Um tenente o aguardava, visivelmente desconfortável, evitando encará-lo diretamente.

— Senhor? — perguntou Karas.

O tenente o puxou discretamente para um canto do corredor.

— Houve um... acidente — disse, com a voz baixa. — Sua família. Estão te chamando até a capital. Já deixei um veículo à sua disposição. Está dispensado por hoje.

O mundo de Karas congelou por um instante. Ele sentiu o estômago revirar. Não respondeu. Apenas saiu correndo.

O que encontrou no distrito residencial de Símio, naquela madrugada, foi o que nenhum guerreiro, por mais treinado, conseguiria suportar. A casa de sua família estava em ruínas. Ainda havia fumaça saindo dos escombros. Vizinhos observavam em silêncio, com expressões devastadas. Um oficial de resgate se aproximou ao vê-lo chegar.

— Chegou tarde, senhor — disse, com respeito. — O fogo começou durante a noite. Todos dormiam... ninguém sobreviveu.

Karas ficou imóvel, olhando as cinzas onde antes havia risos, jantares e canções de infância. Onde sua mãe o abraçava. Onde seus irmãos brincavam.

Algumas horas depois, no Necrotério Central, diante dos caixões lacrados, Karas caiu de joelhos.

— Eu... não salvei Ison... — murmurou, os olhos fixos na madeira fria. — E agora não salvei vocês.

Lágrimas escorriam pelo rosto endurecido. A dor explodiu silenciosa dentro dele, dobrando sua alma.

— Me perdoem... me perdoem... — soluçava, encostando a testa no chão. — Eu prometo... prometo que vou mudar isso. Que nunca mais vou permitir que um inocente morra desse jeito.

Naquele instante, entre as sombras do necrotério, nasceu algo novo. Não era ódio. Não era vingança. Era o começo de um juramento silencioso. Um peso que ele carregaria

sozinho. Um fardo que o transformaria para sempre — e o colocaria em rota de colisão com o próprio Império que o criou.

Karas voltou devastado. O vazio que encontrou em Simio agora o acompanhava como uma sombra. Recebeu uma semana de folga, mas os dias passaram como um borrão. Sem casa, sem família, sem rumo. Permaneceu no alojamento militar, encarando o teto metálico com olhos perdidos. Não havia para onde ir, nem quem o esperasse.

Em seu terminal de comunicação, uma notificação discreta piscava. Ele abriu.

Mensagem Oficial: "Nossas condolências pelo ocorrido. O Império reconhece seu sacrifício e sua dor. Assinado: Comando Central – General Thade."

E era isso. Nenhum toque de sensibilidade. Nenhuma palavra além do protocolo.

Na semana seguinte, Karas voltou para onde ainda se sentia útil: o campo de treinamento. Não porque estivesse pronto, mas porque não sabia mais ser outra coisa. Durante um circuito exaustivo em terreno rochoso, com o corpo coberto de lama e o fôlego quase esgotado, um jovem cadete mais atrás resmungou em tom provocativo:

— Você acha que é especial porque veio de Símio?

Karas parou por um segundo. Virou-se devagar, suando e ofegante, mas sem perder seu porte de líder.

— Não acho que sou especial — respondeu, encarando o cadete. — Acho que todos nós temos que provar porque estamos aqui.

Um murmúrio de respeito e concordância passou pelos cadetes.

A Academia Militar de Arturus era implacável. Um verdadeiro funil de ferro e fogo. Mas Karas prosperava. Diante dos desafios, revelava um instinto raro: sabia ouvir, observar e planejar. Em um exercício de simulação estratégica, liderou sua unidade a uma vitória surpreendente sobre uma força numericamente superior. A vitória foi tão inesperada que até os instrutores se entreolharam, impressionados.

Após o exercício, um companheiro de equipe se aproximou, ofegante.

— Como você sabia que daria certo?

Karas, ainda suando, limpou a lama do rosto e respondeu:

— Liderança não é ser o mais forte... ou o mais esperto.

— Então é o quê? — insistiu o colega.

— É ouvir — disse ele, com convicção. — É entender o que cada um tem de melhor para oferecer... e confiar nisso.

O sol de Arturus se punha, avermelhando os estandartes imperiais no pátio de formação. Era o dia da formatura. Centenas de soldados perfilados. Músicas solenes ecoavam pelas estruturas de pedra e aço. Famílias inteiras aplaudiam, choravam, se abraçavam.

Karas estava entre eles. Sozinho. Sem ninguém para dividir o momento, apenas o peso de um uniforme impecável no corpo e o diploma em mãos. Nenhuma fotografia. Nenhum abraço. Só saudade e lembrança.

Mais tarde, na sala do Comando de Seleção, um oficial de alto escalão, ereto diante de uma mesa de vidro, chamou seu nome.

— Karas Kardassian. Você foi selecionado para integrar as forças de elite do Império Arturiano. Parabéns.

Karas assentiu com um leve balançar de cabeça. Recebeu a insígnia vermelha e a nova farda negra com detalhes em prata. Um símbolo de glória para muitos. Para ele, era outra coisa. Uma promessa.

Seu uniforme agora era mais do que um reconhecimento. Era um fardo. Era uma dívida. E ele estava pronto para carregá-la... até o fim.

Na órbita de Arturus, na varanda da academia militar, as estrelas pareciam pulsar no céu escuro, distantes e silenciosas. Karas Kardassian, agora um soldado moldado por perda e dever, observava o infinito, pensativo. Um jovem recruta, recém-chegado, aproximou-se com admiração visível.

— Kardassian... o que você vê quando olha para as estrelas? — perguntou o recruta, curioso.

Karas demorou alguns segundos para responder. Um leve sorriso se formou no canto de seus lábios, enquanto memórias suaves de sua infância com a mãe surgiam como fantasmas distantes.

— Eu vejo possibilidades — disse, suavemente. — E vejo que cabe a nós torná-las reais.

Na sala de guerra do Comando Imperial, o General Thade observava a galáxia projetada à sua frente em um grande holomapa. Depois de anos acompanhando o progresso de seu pupilo, sabia que o momento havia chegado. Karas entrou, uniforme impecável, postura irrepreensível.

Thade se aproximou e colocou uma insígnia brilhante sobre a mesa entre eles. O momento estava carregado de solenidade.

— De agora em diante, você é o responsável pela minha segurança... e pela dos demais comandantes do Alto Comando — disse Thade, firme, com orgulho contido. — Vamos para a guerra, Karas. Nossas naves estão prontas. Nossos aliados também. É hora de assumir seu posto. Assuma seu posto, Capitão Karas.

Karas permaneceu em formação. Seus olhos se fixaram na insígnia por um momento — um pequeno objeto com o peso de um mundo. Ele a pegou e a prendeu ao peito com precisão cerimonial.

— Sim, senhor — respondeu, a voz baixa, reverente.

Thade se levantou e estendeu o braço. Karas o apertou com respeito. Não havia emoção em seu rosto — apenas determinação. A cerimônia havia terminado. A guerra começava.

A armada do Império Arturiano se movia pelo espaço profundo como uma muralha viva, acompanhada por naves colossais dos Vazzionianos — inimigos jurados dos Goodlesianos — e dos Mizzarianos, uma raça belicosa de guerreiros. O pacto era claro: as colônias Antarianas pertenceriam aos Arturianos; os Goodles seriam oferecidos aos Vazzionianos; e os demais planetas e colônias do Núcleo Galáctico seriam de quem os tomasse primeiro. Era uma corrida imperialista disfarçada de aliança. E os Arturianos estavam na frente.

A ofensiva foi brutal. O planeta Starhide, com sua atmosfera em chamas, caiu em duas horas. Depois veio Gomer. Eclusia. Vanderia. A cada planeta conquistado, os armazéns do Império se enchiam de grãos, metais raros, tecnologias e prisioneiros. As colônias Antarianas, antes florescentes e autônomas, agora eram sombras do que foram.

Por cinco anos, Karas e suas tropas avançaram sem resistência. Ricos em vitórias, pobres em piedade.

Naqueles mundos, os humanos nativos — muitos deles descendentes diretos de antigos exilados — foram rebaixados a mão de obra escrava. Inteligentes, sim. Organizados, talvez. Mas para o Império Arturiano, continuavam sendo inferiores. Animais com utilidade.

— Mantenham os trabalhadores vivos — dizia Karas, em voz seca, diante de um oficial local. — Eles são mais valiosos em pé do que enterrados.

No Palácio de Comando em Arturus, a riqueza circulava. O povo sorria. Os mercados abundavam. A fome desaparecera. O Império estava em seu auge. Orgulhoso. Reluzente. Invejável. Mas nas sombras de outras galáxias, os vencidos murmuravam promessas de retaliação.

Enquanto o povo celebrava sua era dourada, outros mundos enterravam seus mortos e afiavam suas lâminas. A guerra ainda não havia terminado. Ela apenas mudara de forma.

O destino cria armadilhas para aqueles que têm dúvidas. E após cinco anos de guerra, Karas Kardassian já não tinha apenas cicatrizes... mas dúvidas. E muitas.

Nas paredes frias do posto de comando de uma base orbital, as luzes bruxuleantes dos mapas estelares iluminavam o ambiente. Karas permanecia imóvel, o rosto uma máscara de disciplina. Mas por dentro, a tempestade rugia, seu peito arfava como se buscando ar no fundo de um profundo lago e suas mãos os dedos se dobravam ritmados, como sempre acontecia quando estava nervoso. Ao seu lado, o General Thade conversava com outros oficiais. O Imperador exigia mais. A guerra, mesmo com vitórias incontáveis, ainda não era suficiente. Não enquanto Antares — a joia do Núcleo Galáctico — permanecesse livre.

— O Imperador quer Antares aos seus pés — disse Thade, sombrio. — Não se trata apenas de recursos. Trata-se de domínio simbólico.

Karas nada respondeu. Observava atento o ímpeto de conquista corroer os alicerces do que um dia acreditara defender. Sabia que seus irmãos simioides estavam no limite. E ainda assim, não podia detê-los. Apenas seguir ordens.

Horas depois, na ponte de comando da frota de assalto, os preparativos para o ataque à lua de Antares estavam em andamento. As tropas estavam exaustas, os olhos fundos, corpos sustentados apenas pela disciplina. Um erro nos cálculos fez a frota desviar. Duas horas perdidas.

O General Tavor, furioso, caminhou até o cockpit.

— Incompetentes! Por isso estamos perdendo tempo com lixo como vocês! — gritou.

Ele ergueu a mão para golpear o piloto. Mas antes que pudesse atingir o jovem, seu braço foi travado com força. Era Karas. Com a mão firme como pedra e os olhos duros como aço, ele olhou diretamente nos olhos de Tavor.

— Acho que o general também está cansado. Assim como nossos pilotos — disse Karas, calmo, mas cortante. — Uma atitude como essa... não seria conveniente neste momento.

O silêncio se espalhou como pólvora. Todos os presentes se calaram. Tavor, vermelho de vergonha e raiva, olhou em volta. Sabia que Karas tinha apoio. Sabia que Thade o protegia.

— Essa humilhação não vai sair barata — disse Tavor, friamente.

Virou-se e saiu, os passos pesados ecoando no metal.

Naquela mesma noite, Karas foi chamado ao gabinete de Thade. O general permanecia de pé, mãos cruzadas atrás das costas, o semblante duro.

— Você sabe que vou precisar repreendê-lo. E pior... Tavor é cunhado do Imperador. Ele não vai engolir isso facilmente. E nada poderei fazer para impedir o que virá.

— Estou pronto para arcar com as consequências dos meus atos, senhor — respondeu Karas, sem hesitar.

— Pois bem. Está dispensado. Confinado ao seu quarto até decisão oficial.

Karas se retirou sem discutir. Já sabia o preço.

Três dias depois, a decisão veio. Não seria um julgamento. Seria um destino.

Um transportador de prisioneiros pousou com violência no planeta Agator, em meio a uma tempestade de areia. A luz do sol era filtrada pela nuvem espessa e amarela que cobria o céu. Karas desceu. Rebaixado a tenente. Agora, responsável por uma ala de prisioneiros alienígenas dispensáveis. Era uma humilhação — pública e estratégica.

Agator não perdoava. Uma rocha estéril, sufocante, cortada por desertos de pedras afiadas e ventos que rasgavam a pele.

Ali não havia fuga. Nem esperança. Apenas solidão, trabalho forçado e morte lenta.

Na instalação penal de Agator, Karas foi lançado no centro da miséria. Recebia sempre os piores turnos, as tarefas mais degradantes. O comandante do complexo, a mando de Tavor, o tratava como lixo. Mas Karas não vacilava.

Eu sou o que sou, pensava sereno. A farda não define minha promessa.

Ele começou a observar. A escutar. A aprender. Descobriu que, sob as crostas de alienígenas derrotados, existiam histórias. Dor. Coragem. Sonhos perdidos. Com o tempo, aprendeu suas línguas: Antariano, Goodlesiano, Capelino. Ouviu lamentos. Conheceu líderes disfarçados de escravos. Compreendeu.

Na enfermaria deserta, Vodka, um jovem soldado canusiano da Rebelião Antariana, tossia sangue. Estava doente. Nenhum tratamento foi oferecido. Quando morreu, seu corpo foi descartado no deserto. Karas viu a areia o engolir.

Aquela morte... plantou algo. Algo que ele já carregava... mas agora cresceia.

Na madrugada, durante uma tempestade que fazia o teto do dormitório vibrar, Karas sonhou com sua mãe. A voz dela era suave, como nos tempos antigos.

"Se fossem vocês no lugar deles, o que teriam feito? Teriam lutado. Teriam resistido. Então, meu filho... eles merecem o mesmo. Você prometeu. Outros vão precisar de você."

Ele acordou com o suor molhando seu espesso pelo. Havia areia até nos cantos da alma.

— Eu prometi — sussurrou.

Ele não escreveu. Não falou. Apenas memorizou. Esperaria a hora certa.

Cinco anos depois, na periferia do complexo, o capelino Anêmonis foi torturado até a morte. Seu corpo jogado ao vento, como o de Vodka.

Karas observou. Sentiu no peito uma queimação que não era raiva. Era vergonha. Era dívida.

Era hora. A revolução, a mudança... começaria ali. Em Agator. Com ele.